


COMPETÊNCIAS OSTENSIVAS: O COTIDIANO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ATUANTES EM ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO

OSTENSIVE COMPETENCES: THE DAILY LIVES OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS WORKING AT BODYBUILDING GYMS 

HABILIDADES OSTENSIVAS: EL COTIDIANO DE LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA QUE ACTÚAN EN GIMNASIOS DE MUSCULACIÓN 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100297>

 **Siony Rocha de Sousa*** <sionyrocha.edf@gmail.com>

 **Christiane Garcia Macedo*** <chrisgmacedo@gmail.com>

 **Roberta de Sousa Mélo*** <rdesmelo@gmail.com>

*Universidade Federal do Vale do São Francisco. Petrolina, PE, Brasil.

Resumo: Centrado nas referências de corpo e subjetividade fornecidas pelo capitalismo em suas formas atuais, bem como nas supostas ressonâncias desses modelos na rotina de professores de Educação Física atuantes em academias de musculação, o estudo teve como objetivo compreender os modos pelos quais os participantes articulam suas atribuições profissionais às demais experiências de seu cotidiano. Utilizou-se uma metodologia de pesquisa qualitativa, sendo o material empírico obtido através de 16 entrevistas semiestruturadas. Os materiais analisados evidenciam uma mobilização constante da dimensão corporal dos professores. Em geral, sua rotina lhes exige uma intensa disposição física, além de uma racionalização de si e do corpo que lhes permita evidenciar os atributos estéticos e de desempenho pelos quais sua competência profissional é atestada.

Palavras chave: Docentes. Educação Física. Academias de ginástica. Aparência física.

Recebido em: 05-02-2020
Aprovado em: 07-06-2020
Publicado em: 12-08-2020



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* atribuição Não Comercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

eISSN: 1982-8918

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi guiado pelo objetivo de compreender os modos pelos quais um grupo de professores de educação física atuantes em academias de musculação articula suas atribuições profissionais às demais experiências de seu cotidiano. A motivação para esta análise surgiu ao longo do desenvolvimento de uma investigação mais ampla, concentrada nas produções corporais que lhes são exigidas em decorrência do seu ofício. Chamou-nos a atenção, já de início, a disposição física que lhes é fortemente demandada em suas tentativas de conciliar as experiências laborais com outros papéis sociais desempenhados em sua rotina. Se nos pautarmos por uma visão simplista e reducionista da EF, pode parecer óbvio que o tema das competências corporais circunde os estudos nesse campo. Contudo, entendemos que os usos do corpo e a percepção de suas potencialidades precisam ser lidos a partir das dimensões sociais e políticas em que se manifestam. De tal modo, a realidade aqui investigada, a qual envolve fundamentalmente as aptidões corporais em função da rotina de trabalho, exige um olhar sensível às configurações produtivas e subjetivas que demarcam o atual estágio do capitalismo, como bem apontam Lisdero *et al.* (2017).

Cabe lembrar, a esse respeito, que o próprio estabelecimento da EF como campo do conhecimento processou-se à medida que contribuiu com a legitimação de discursos e práticas definidoras da utilidade econômica e social do corpo e dos indivíduos. Por esse caminho, é sempre oportuna a reflexão sobre seus lugares dentro das formas sociais vigentes.

Destacamos, também, que a atenção aos modos de organização social característicos da contemporaneidade ocidental - ao que Santos (2007, p.83) se refere como o momento da “[...] mais recente encarnação do capitalismo global, conhecido como globalização neoliberal” -, será crucial para a compreensão das realidades que apresentaremos.

Nesse “novo capitalismo”, tanto a corporeidade como a dimensão subjetiva se lançam como objetos de investimento contínuo de cuidados, no que se conta, sobretudo, com os diversos recursos de aperfeiçoamento disponíveis no mercado. Essas duas esferas se entrelaçam profundamente nos lugares sociais contemporâneos, visto que, como pontua David Le Breton (2007, p.31), “[...] nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si”. A noção de “corpo-rascunho” apresentada pelo autor traduz bem o modelo de subjetivação que coloca a dimensão corporal como o grande desafio ao sujeito contemporâneo: estimulados pelo discurso científico e mercadológico a vasculharmos as limitações e imperfeições do nosso corpo para então aprimorá-lo continuamente, o tomamos como eixo de nossas preocupações cotidianas, já que suas potencialidades e formas de apresentação passaram a refletir nossos próprios valores e capacidades individuais. A preocupação socialmente legitimada em relação ao corpo se revela nas possibilidades que nos são crescentemente ofertadas para superarmos o que em nós é apontado como constrangimento: dietas, tecnologias de rejuvenescimento, cirurgia estética, recursos da engenharia genética, dentre outros que se expandem continuamente, exprimem essa “lógica de autossuperação”.

Pode-se dizer, a partir das análises de Giddens (2002), que a existência tornou-se um “projeto autorreflexivo”, no sentido de que, tanto a nível institucional quanto na esfera da intimidade, orientamos nossas escolhas e decisões por meio dos saberes especializados e sob a influência dos sistemas peritos em nossa vida cotidiana. O agente individual se vê conduzido a seguir um estilo de vida que lhe garanta a mínima possibilidade de gerenciar os riscos cotidianos sinalizados pelos sistemas especializados. Dentro desse mesmo processo, a competência da pessoa passa a ser atestada pela sua capacidade de exercer um monitoramento contínuo e bem sucedido do corpo (GIDDENS, 2002, p. 58), o qual, ao mesmo tempo em que segue instrumentalizado, assume o poder de dizer sobre o indivíduo. Sob tais preceitos, estabelece-se um vínculo fundamental entre a autoidentidade e o manejo dos obstáculos com que nos deparamos rotineiramente, e, dentre estes últimos, estão aqueles que reconhecemos em nosso próprio corpo. Desse modo, a dimensão corporal constitui-se como importante elemento de uma “biografia reflexivamente organizada” (GIDDENS, 2002, p.20).

Por um lado, a perspectiva dessa “encarnação das aptidões subjetivas” adquire sentido porque a corporeidade passa a ser significada num horizonte que é o do fascínio pelas imagens, da “[...] sedução exercida pelas formações imaginárias predominantes no estágio atual do capitalismo” (KEHL, 2009, p.90). Amparando-se nas caracterizações da “sociedade do espetáculo” apresentadas por Guy Debord, a autora Maria Rita Kehl argumenta que, em nossos tempos, “[...] as imagens, em sua forma mercadoria, é que organizam prioritariamente as condições do laço social” (KEHL, 2009, p.93). Posto à prova em sua capacidade de seduzir enquanto imagem que é, o corpo, agora mais do que nunca regido pela razão do mercado, se torna a principal instância de reconhecimento e de gratificação do indivíduo, o fulcro da espetacularização de si que tem marcado as nossas interações. Quanto a isso, é indispensável considerarmos a Internet e as mídias sociais digitais como parte dessas mediações (LISDERO *et al.* 2017), trazendo novas questões quanto à autoapresentação e formas de aparição. Vale ressaltar, ainda, que esses meios têm sido fundamentais para a circulação dos saberes especializados que conferem sentido aos projetos autorreflexivos a que Giddens se refere.

Nos modos de gerenciamento de si apontados por Giddens (2002), a figura do perito assume um papel determinante. A intervenção de especialistas com sua “rede infundável de serviços e aconselhamentos” (BOSSLE, 2008, p.192) se torna crucial para o planejamento ideal da existência. Também a esse respeito, Kehl (2009, p.89) refere-se ao lugar dos “trabalhadores autônomos ou terceirizados que dependem da chamada boa apresentação, da produção de uma ‘imagem pessoal’ que lhes possibilite vender a si mesmos no mercado de trabalho cada vez mais competitivo”. Nessa direção, vemos, sobretudo nos ambientes midiáticos, a presença dos mais variados especialistas que veiculam narrativas sobre o corpo e a saúde. Médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, *personal trainers*, dentre outros, atuam como agentes peritos cujos discursos, inclusive, muitas vezes disputam entre si. Por outro lado, vêem suas orientações competirem com as das ditas celebridades *fitness*, que disseminam massivamente seus posicionamentos sobre esses mesmos temas.

Por entendermos que as configurações apontadas até aqui incitam reflexões fundamentais para o campo da EF, seus saberes e fazeres e, por isso mesmo, para as nossas problematizações, cabe pensarmos sobre como as atribuições profissionais dos participantes deste estudo se realizam nesse cenário.

Em suas considerações acerca da relação entre o professor de EF que atua como treinador personalizado – *personal trainer* – e seu cliente, Bossle (2008) destaca o sentido desse trabalho num contexto de valorização da atividade física orientada e individualizada, o que reflete bem as dinâmicas apresentadas por Anthony Giddens (2002). Dentre outros aspectos, a autora trata da incorporação do discurso empresarial na rotina laboral desse agente perito, mostrando, assim, como seu campo de atuação é capaz de revelar as implicações de uma paisagem social de corpos e subjetividades marcados pelas lógicas do mercado. A partir de uma revisão bibliográfica que lhe permitiu desenvolver suas reflexões, a autora destaca que “palavras como cliente, concorrência, negociação, *marketing*, credibilidade, serviço, propaganda, consumidor, produto, mercado, parcerias” aparecem de modo recorrente nos livros e manuais analisados. Observa, ainda, que neles também constam orientações sobre “como se tornar um profissional de sucesso”, além de “estratégias de *marketing* pessoal”, pontuando-se “a crescente concorrência no mercado da atividade física” (BOSSLE, 2008, p.188).

O trabalho de Lisdero *et al.* (2017) também nos fornece caminhos para refletirmos sobre as reverberações do regime neoliberal no cotidiano em que as experiências aqui analisadas se processam, ainda que o foco dos autores não se direcione especificamente a esse campo de atuação profissional. Atentos às reestruturações ocorridas no mundo do trabalho a partir da década de 1970, quando começam a se firmar os modelos de gestão e institucionalização típicos do neoliberalismo e seu ideário de desregulação, flexibilização e terceirização, os autores tratam das possíveis conexões entre as novas experiências laborais dos sujeitos e a expansão de novas técnicas corporais (sobretudo, o treinamento e as práticas desportivas), duas dimensões que, segundo eles, confluem na questão da identidade e convergem como objetos da autogestão. Por essa perspectiva, o trabalho e o treino se tornam temporalidades que se afetam mutuamente, negociadas pelo sujeito. Os autores também destacam o ritmo de vida intensamente orientado pela lógica da velocidade e movimento impressa pelo mercado (LISDERO *et al.* 2017, p.97). Cabe demarcar, aqui, a valorização das energias do corpo e de suas potencialidades, inclusive como esfera de autorreconhecimento do sujeito produtivo, ou do “sujeito de desempenho”, o “sujeito funcional” tão bem descrito por Byung-Chul Han (2017) em sua *Sociedade do Cansaço*, modelo subjetivo que também será crucial para entendermos as gestões rotineiras dos nossos interlocutores.

No esforço de se entender como as configurações aqui abordadas afetam as práticas dos professores de EF atuantes em academias de musculação, partimos de uma suposta correlação fundamental entre a produção corporal a que sua competência se destina (no caso, a orientação do trabalho corporal do aluno) e a sua própria. Ou seja, sua atuação laboral parece exigir uma teoria e uma prática de gestão de si que devem ser elaboradas para o outro, mas que ao mesmo tempo também parecem lhe afetar.

Por fim, as reflexões aqui colocadas nos ajudam a entender até que ponto, nas experiências que vivenciam para além da sua rotina laboral, nossos entrevistados estariam produzindo “tempos-espacos de continuidades ou de rupturas” (LISDERO *et al.* 2017, p.94) em relação à lógica produtiva capitalista e às disposições e aptidões físicas que ela nos tem exigido. Para tanto, tivemos como norte as teorias aqui apresentadas.

2 METODOLOGIA

Considerando as características e objetivos deste estudo, os quais estão centrados na compreensão de como se constroem os sentidos e significados relacionadas à subjetividade humana e relações sociais, a metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa. O material empírico foi obtido entre os meses de março a julho de 2019, mediante a realização de entrevistas semiestruturadas.

Participaram da pesquisa 16 professores de EF atuantes em academias de musculação da cidade de Petrolina-PE, sendo 11 homens cinco mulheres. A faixa etária dos participantes variou entre 24 e 38 anos, com um tempo médio de atuação na área de 6,6 anos. São graduados em EF (licenciatura e/ou bacharelado ou licenciatura plena). Oito possuem pós-graduação (especialização/mestrado) e atualmente exercem sua profissão em academias de musculação com atendimento ao público em geral e/ou atuam com o atendimento especializado, como *personal trainer*. Além disso, alguns realizam outras atividades laborais em seu dia a dia, como ministrar aulas em escolas ou instituições de ensino superior, aulas coletivas de modalidades diversas (*spinning, jump, step*, treinamento funcional, pilates, etc), dentro e fora da academia.

Para um primeiro contato com os participantes, realizamos a divulgação do convite para participação na pesquisa através de redes sociais, solicitando a quem se interessasse ou conhecesse possíveis participantes que se comunicasse conosco através de mensagem privada. A partir disso, a entrevista era agendada em local escolhido pelo colaborador. Por fim, recorreremos ainda à técnica conhecida como “bola de neve”, pela qual um interlocutor indica outros possíveis colaboradores.

A referência aos participantes será feita por meio de pseudônimos, de modo a garantir o anonimato.

A análise dos materiais coletados a partir das entrevistas foi orientada pelos pressupostos metodológicos da antropologia interpretativa de Geertz (2008), onde o autor propõe através de uma “descrição densa” que estimula o entendimento das perspectivas dos grupos e dos sujeitos a partir de seu contexto cotidiano sem, no entanto, desconsiderar as estruturas mais globais.

3 A APARÊNCIA É A ALMA DO NEGÓCIO

A afirmação com a qual intitulamos o primeiro tópico de nossa análise foi feita por um dos interlocutores e ilustra muito das dinâmicas corporais e subjetivas a que já nos referimos em nossa introdução. Seja no entendimento da aparência como uma

“vitrine” ou na sua analogia a um “cartão de visitas”, referências que surgiram já no início das entrevistas, parte considerável das narrativas traz algumas nuances do regime imagético aludido por Kehl (2009) que, em aliança com o *ethos* empreendedor sugerido no título acima, situa o indivíduo numa relação de alteridade marcada pela sua aparência, num desafio constante de convencer o olhar do outro e por ele ser reconhecido. A mesma lógica se expressa na fala a seguir:

[A aparência] influencia. Influencia. Se eu fosse uma pessoa que estivesse acima do peso, eu, como *personal trainer*, não ia adquirir tanto cliente como eu tenho hoje, porque eu consegui muitos através da minha aparência, do meu biótipo, do meu físico. Como eu sou a chave do negócio, a estrela do negócio, tenho que ser o exemplo. Então eu sou espelho para outras pessoas também (Professor Lúcio).

Nesses termos, a corporalidade é pensada na sua capacidade de garantir a inserção e permanência no âmbito profissional, o que coaduna com nossas tematizações sobre o imperativo da gestão cotidiana do corpo nos processos de afirmação de si contemporâneos. Esses primeiros depoimentos colocam, portanto, o valor estético como um dos estruturantes de sua conduta profissional. Sob o ponto de vista do professor acima, o corpo assume o protagonismo no primeiro momento dessa interação, se antecipando à demonstração da própria habilidade do agente perito.

O próprio ambiente da academia, marcadamente ocupado por espelhos em diversas direções, denota a aparência como o signo de valor por excelência. Por essa política de visibilidade, pela qual o “eu está quase sempre ‘em exibição’ para os outros em termos de sua corporificação” (GIDDENS, 2002, p. 59), esses indivíduos se reconhecem como modelo para o outro e assumem a necessidade de negociar a todo o tempo a circulação do próprio corpo nesses espaços, conforme a *performance* profissional que lhes é exigida.

Vale notar como depoimentos semelhantes a esse último trazem em si a ênfase na segurança/confiança como atributos que devem demarcar a relação professor-aluno, indo pelo caminho das análises de Giddens ao explicitar a relevância da autoridade perita no projeto reflexivo do eu. A aparência desses profissionais torna-se a medida para conquistar a confiança ou ser desacreditado pelos projetos reflexivos alheios. Vê-se, então que, para eles, um mínimo da garantia que deve oferecer ao outro passa necessariamente pelo “manejo do próprio corpo” (GIDDENS, 2002, p.59). Ainda quanto a isso, alguns entrevistados sugerem que, tal como uma mercadoria, sua condição corporal era mirada pelos projetos de produção corporal de alguns alunos que manifestavam aos professores sua intenção de “copiá-la”, levando-nos à compreensão de que, de fato, a própria forma física do professor se constitui como o objeto de consumo a ser negociado nessas interações:

Eu recebo muitas mensagens de pessoas e alunos que falam: ‘Poxa, Túlio, parabéns, seu corpo tá massa’, ou ‘Eu quero ficar igual a você’. Tem uns que até brincam: ‘Quando eu crescer, eu quero ficar igual a você’ e tal [risos]. Então eu creio que a gente como professor, como profissional da área, a gente tem que mostrar um bom resultado para mostrar mais confiança para quem tá nos assistindo (Professor Túlio).

Existe uma demanda (a expectativa do aluno) a qual se espera que agente perito seja capaz de atender, sendo que um primeiro indício de sua competência

estaria demarcado em sua aparência. Desse modo, a sua imagem se torna uma “via de produção de identificações” (KEHL, 2009, p.93) na sua relação com o público.

Conforme os relatos, as projeções dos alunos em direção não só à condição física do professor, mas também a outros corpos que tomam como modelo a ser alcançado e que se espera materializado por meio das orientações e prescrições profissionais, parece ser um propósito com o qual os entrevistados precisam lidar rotineiramente. Ao mesmo tempo, essas expectativas depositadas no trabalho corporal trazem o efeito de uma cultura que é a da promessa permanente de satisfação e felicidade pelo consumo, vendida por meio das imagens que ela faz circular, e que, conforme nossas primeiras análises, toca diretamente as representações elaboradas em torno da atuação profissional dos participantes do estudo e, num sentido mais amplo, da própria EF.

Em se tratando dos símbolos e códigos que subjazem o manejo corporal necessário à valorização de suas competências profissionais, é importante destacar sua constante referência à gordura enquanto principal marcador da inadequação: “Ninguém quer treinar com *personal* gordo; ninguém treina. O magrinho, ainda vá lá, que é o meu caso, mas o gordo não treina. Dificilmente” (Professor Antônio).

Ao passo que o tema do sobrepeso é posto aqui como um problema ao agente perito e sugerido enquanto questão que deve ser objeto de uma responsabilização e monitoração individual, outros atributos estéticos que possivelmente também colocariam em suspeição as habilidades do professor foram abordados numa perspectiva diferente por alguns participantes:

Antigamente, para você ser professor de educação física tinha que ser ‘o fortão’, ‘o cara malhado’. Mas a educação física não é só musculação. Por exemplo, quem gosta de correr como eu gosto, não pode ter um biótipo ‘malhadão’; vai ser mais magrinho. Isso não quer dizer que ele não vai saber trabalhar, que não deveria estar na área. [...] Essa visão antiga diminuiu bastante, mas ainda existe, principalmente entre as pessoas que têm menos conhecimento, as menos informadas (Professor Marcos).

Nesse sentido, a magreza, ou mesmo uma menor potência muscular, não é tão crucialmente sugerida como reflexo da incompetência do sujeito. Ainda assim, cabe salientar que, embora que não assuma um valor negativo ao nível do que é atribuído ao corpo gordo, ela (a magreza) não parece ser totalmente validada nesse cenário de produção corporal.

É nítido que a construção da identidade profissional dos nossos interlocutores é frequentemente interpelada pelos padrões estético-corporais que regem as relações no contexto social mais amplo. A estima desses atributos em tal realidade parece explicar-se, dentre outros aspectos, por seu nexos com outro ideal imposto ao sujeito e seu corpo no cenário atual: o do desempenho enaltecido pela lógica neoliberal, a que já nos referimos a partir das leituras de Han (2017). Por esse caminho, entendemos que, sobre o corpo acima do peso, recai a suspeita de não atender às perspectivas de produtividade e eficiência demandadas pelas nossas configurações sociais. Em outras palavras, ele traria a marca de uma suposta ociosidade ou, ao menos, de um esforço insuficiente, o que, num cenário de enaltecimento do sujeito produtivo, tende a ser moralmente condenável. Vemos, aqui, de forma bem expressa, aquilo que

Lisdero *et al.* (2017) entendem como relações estreitas entre os preceitos que regem o mundo do trabalho e os sentidos das técnicas corporais nos modos de vida atuais. Assim, o corpo é reiteradamente evocado como uma espécie de baluarte de uma “coerência” entre aquilo que o professor prega e o que seu corpo manifesta:

Normalmente, o profissional que trabalha com a saúde, com o corpo, na minha opinião, tem que ter, pelo menos, um corpo que demonstre que ele faz algum tipo de exercício, não importa qual. Ele não precisa ser forte. Se ele for corredor, por exemplo, ele vai ser magrinho, mas vai ser uma pessoa condicionada, que realmente vende o exercício, porque ele próprio usa o exercício (Professor Reinaldo).

Nesse espaço laboral, portanto, os professores se veem num jogo de visibilidades pelo qual precisam se familiarizar com símbolos, códigos e gestos que, ao fim das contas, lhes demonstram que os projetos corporais do aluno afetam diretamente os seus próprios. Nesse sentido, se vimos, num primeiro momento, como esse outro lança suas expectativas de um corpo ideal em direção à figura do profissional, este último também é constantemente mobilizado pela produção corporal alheia, habilitando seu corpo e suas atitudes em função dessas motivações pessoais que lhes são confiadas.

4 “TRABALHAR E SER TRABALHADO”

De acordo com alguns entrevistados, os projetos corporais dos seus alunos se guiavam pelo intuito de aprimoramento de três dimensões principais, a saber: estética, *performance* e saúde. A esse respeito, muitas vezes os interlocutores buscaram legitimar a importância de seu ofício associando-o aos preceitos de uma vida saudável, sobrepondo esse valor a uma mera preocupação com a aparência, ainda que, em outros momentos, a forma física tenha se destacado como sugestiva da competência profissional, conforme já demonstramos. Apesar dessa suposta separação estabelecida por algumas narrativas, entendemos, ao retomarmos a leitura de Kehl (2009), que, num contexto neoliberal de fetichização da imagem do corpo, essas três dimensões se revelam correspondentes, no sentido de se estruturarem por uma mesma lógica ostentatória. Ou seja, a saúde torna-se também objeto de uma estetização, ingressando como símbolo a ser inscrito na própria aparência. Em outras palavras, o “ser saudável” passa a compor o conjunto dos nossos atos performativos, dos códigos mobilizados na “espetacularização de si” contemporânea. Entretanto, ao focarmos nos discursos sobre saúde elaborados pelos participantes do estudo, chama-nos a atenção sua própria dificuldade em cumpri-los. Nesse sentido, sua rotina laboral parece trazer como resultado a priorização dos projetos corporais do aluno/cliente, sejam eles justificados pela estética, *performance* ou pela saúde; a gestão de sua rotina por vezes se opõe aos próprios conteúdos que eles transmitem ao seu público. Voltaremos a tratar dessa questão um pouco mais adiante.

A atividade laboral desses agentes consiste basicamente na avaliação, no planejamento, na orientação e na correção de exercícios físicos. A esse respeito, percebemos algumas semelhanças em sua rotina. Em relação às horas trabalhadas, as mesmas variam entre 6 a 18 horas por dia. Entre os cinco entrevistados que recebem de um a três 3 salários mínimos, a média de carga horária é de 7,6. Entre

os 11 que ganham mais de três salários, a média é de 11,45 horas por dia. Ou seja, uma rotina que começa muito cedo e que para a maioria só termina à noite.

Eu acordo às quatro e meia da manhã, inicio às cinco horas, dou aula na [praça]¹ das cinco até às sete horas, dou duas horas de aula, faço minha produção de área, termino às sete e meia. Vou para a [academia], dou aula das oito até uma da tarde. [...] Quando tem treino da [associação esportiva], que é dia de segunda, quarta e sexta, que é o [esporte], eu venho para cá e fico com eles de dez horas ao meio dia. Aí só volto para academia às duas da tarde, fico mais ou menos até umas oito da noite. Quando dá, eu treino, e às nove horas eu vou para o treino de [esporte]. Termino meu treino às onze da noite e vou para casa. Durmo e, no outro dia, tudo de novo. É desse jeito aí a educação física; quem quiser fazer é desse jeito aí (Professor Antônio).

Espírito-Santo e Mourão (2006), assim como Guimarães Filho, Moura e Antunes (2011) encontraram dados parecidos em relação à carga horária de trabalho de professores de academias de musculação, cerca de 50 horas semanais no primeiro estudo e a maioria dos informantes com mais de 12 horas diárias no segundo. Navarro (2006), ao alertar sobre a intensificação do trabalho nas sociedades capitalistas contemporâneas, menciona a ampliação da jornada de trabalho e das formas “liberais” de prestação de serviços, ao mesmo tempo em que atenta para o custo pessoal aí envolvido, sobretudo pela fragilização da saúde e a redução do tempo livre.

Destacamos que nas descrições de suas rotinas é possível perceber que várias atividades compõem a prática profissional, para além do trabalho na academia, mais um sinal da intensificação da sua rotina laboral. Entre essas atividades percebemos: orientação de alunos em parques e espaços abertos, trabalho em núcleos de apoio à saúde da população.

Se o título desse tópico, também extraído da fala de um dos entrevistados, sugere o sentido de uma dupla relação com o trabalho com a qual o professor se vê envolvido – de um lado, o desempenho do ofício necessário à subsistência (trabalhar) e, de outro, o investimento na sua produção corporal (ser trabalhado) -, vemos, por sua vez, que seu ritmo de vida lhes impõe dificuldade em conciliar esses dois projetos.

O tempo escasso para a prática de exercícios físicos retrata bem isso. Alguns têm um horário de treino já definido e bem planejado, mas a maioria treina “quando dá”, geralmente entre os intervalos dos alunos:

Normalmente eu aproveito um intervalo entre um aluno e outro quando eu tô na academia, e aí eu faço algum treino. Se eu tiver vinte minutos, é vinte minutos. Se eu tiver trinta minutos, é trinta minutos. O que eu tiver. Só que aí eu aumento a intensidade e consigo fazer o treino (Professora Samanta)

Portanto, se há uma cobrança para que seu corpo “reflita o que prega”, identificamos, aqui, certa desconexão entre a teoria e a prática. Nesse contexto analisado, desempenhar as atribuições profissionais exige que o cuidar de si esteja condicionado à rotina do aluno. É o tempo institucionalizado do trabalho que termina por regular suas energias corporais, seus “fluxos energéticos” (LISDERO *et al.*, 2017, p.92). Vemos, então, como sua rotina laboral evidencia a precarização do seu cotidiano, ao mesmo tempo em que demonstra uma incompatibilidade entre o modelo

1 Alguns trechos das entrevistas foram retirados para que o entrevistado não seja identificado.

de empreendedorismo individual e a possibilidade de praticar o que é postulado pelo próprio campo do conhecimento em que atua. Nesse último caso, a “flexibilidade” que lhe é permitida em seu dia a dia se evidencia muito mais como um tempo cronometrado em função da condição de prestadora de serviço do que como “pausa” para o autocuidado. E, se autores como Lisdero *et al.* (2017) estão interessados em entender as conexões e desconexões entre as experiências laborais dos sujeitos e os sentidos do treinamento corporal nas estruturas sociais vigentes, as descrições de nossos entrevistados apontam para a secundarização dos cuidados com o próprio corpo, ainda que estes últimos se constituam como uma exigência inegociável na construção de sua imagem profissional, conforme pontuado em outras passagens deste trabalho.

Se tais experiências nos indicam formas de regulação das energias do corpo operadas pela organização social do trabalho característica da contemporaneidade, demarcando, portanto, a centralidade da lógica produtiva e seu poder de influência sobre os usos que fazemos do corpo, cabe entender que, no caso dos professores de academias de musculação, isso é ainda mais significativo, dado que suas experiências se processam num contexto laboral que tem a dimensão corporal, a um só tempo, como objeto, alvo e instrumento. Logo, a produção corporal que lhes é possibilitada dentro de sua sistemática de trabalho termina por constituir-se como um fim em si mesmo, no sentido de ser predominantemente organizada em função das demandas profissionais. Na realidade, seu fim específico é o próprio trabalho. Do mesmo modo, o uso técnico do corpo requerido pelo seu ofício restringe, muitas vezes, as vivências físicas desses agentes à estrutura do campo em que atuam profissionalmente. Ou seja, seus fluxos e energias corporais são intensamente regulados pelo trabalho e se configuram, a um só tempo, como objeto de apropriação e substrato que alimenta os mecanismos do seu reconhecimento profissional (LISDERO *et al.*, 2017, p.92). Treinar e trabalhar se configuram, nesse contexto, como continuidades, convergindo para uma mesma finalidade e atendendo aos processos de “produzir” e “produzir-se” consagrados pela organização social do trabalho em sua vertente atual (LISDERO *et al.*, 2017).

Seguindo com o objetivo de identificar as possíveis conexões entre a vida profissional com suas demais experiências diárias (e, portanto, com aquelas que se realizam num âmbito micro) entendemos, em suma, que a adequação ao seu ritmo de trabalho traz implicações a seus processos vitais, um “desgaste da vitalidade” (LISDERO *et al.* 2017, p.103). É disso que nos ocuparemos nos parágrafos que se seguem.

As vivências de nossos entrevistados parecem exacerbar a questão dos hábitos alimentares como experiência atravessada pela lógica temporal das estruturas produtivas. Em primeiro lugar, manter uma alimentação equilibrada ocupa parte significativa de seus rituais de preparação para a rotina laboral. Alguns relatam, entretanto, que nem sempre há a possibilidade de manter práticas alimentares saudáveis, justamente em decorrência do tempo que isso lhe exige. Não à toa, a preparação das “marmitas” e o recurso das “suplementações” se destaca na maioria das entrevistas, revelando-se como estratégias de racionalização da rotina e do corpo.

Eu levanto às quatro e meia da manhã, preparo meu café, trago para a academia. Só vou tomar café às nove da manhã, e hoje nem tomei café ainda, porque eu já tive que fazer três avaliações. Então minha rotina de trabalho é essa. Saio daqui [da academia] ao meio-dia, vou pra casa almoçar, volto às duas da tarde, vou até às nove, dez horas da noite, dependendo dos meus alunos de personal, se não atrasarem” (Professor Lúcio).

A gente precisa de outras coisas, outros suplementos, porque senão a gente não aguenta não. Às vezes a rotina é muito louca, a gente tem que bater um *shake* de proteína, comer uma banana, trazer uma fruta, porque é muita coisa no nosso dia. O dia da gente é muito puxado, mas a gente consegue conciliar. Eu já estou bem acostumado (Professor Bernardo).

Nesse sentido, o orgânico é deliberadamente ajustado ao cronômetro do empreendedorismo.

Ainda que suas práticas figurem como exceção nas rotinas descritas, outros entrevistados disseram conseguir manter uma maior rigidez e controle sobre os hábitos alimentares. Contudo, parte considerável dos entrevistados nos explica que o próprio cansaço dificulta a regulação dos treinos e da dieta. Nessas circunstâncias, evitam focar na questão para não ficarem “neuróticos”.

É difícil, é difícil, principalmente devido a esta carga horária de trabalho e rotina da semana. Acabo procurando o que é mais fácil, mais cômodo, e, muitas vezes, devido ao estresse e cansaço, a gente acaba escolhendo uma comida não tão saudável assim. Então comidas rápidas, instantâneas, que não são saudáveis, né? É bem difícil você se manter dentro do padrão durante a semana, durante este tempo (Professor Danilo).

De tal modo, mesmo que possuam um conhecimento acumulado pela sua formação e experiência de agente perito, sua realidade os leva a negociar o tempo que lhes é disponibilizado, flexibilizando, assim, suas próprias necessidades em função do trabalho. As rotinas dos entrevistados expõem modos pelos quais as dinâmicas do seu ofício se revelam capazes de afetar até mesmo as experiências realizadas a nível orgânico, fisiológico, metabólico, o que termina por revelar um estilo de vida extenuante em diversos aspectos. Assim, sobretudo a rotina alimentar e a qualidade do sono são aspectos muitas vezes sacrificados pela disponibilidade que sua vida laboral exige. Há, em certa medida, por parte dos próprios indivíduos, uma tentativa de “supressão” das necessidades de seu próprio corpo, ou mesmo de burlá-las para atender as demandas profissionais. A temporalidade de suas atividades laborais se sobrepõe, assim, aos ritmos do seu próprio organismo, distanciando-os do estilo de vida que gostariam de seguir. Quanto a isso, Giddens (2002) especifica que, nas configurações sociais recentes, o estilo de vida não se restringe meramente a uma opção pessoal:

Não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo. [...] Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da autoidentidade (GIDDENS, 2002, p.79).

A nosso ver, essas descrições complexificam o que o autor destaca como “controle rotineiro do corpo” que, segundo ele, seria um protocolo central dos modos de gestão da vida fornecidos pelos sistemas peritos.

Conforme nos sugere a narrativa a seguir, os sentidos da competência profissional também mobilizam as experiências em outras esferas da vida:

Se eu resolvo fazer um *happy hour* no final de semana, comer alguma besteira, tomar uma bebida alcoólica, eu sei que eu estou prejudicando meu treino da semana, porque eu vou passar a outra semana com uma fadiga maior, eu vou ter uma dificuldade de rendimento (Professora Diana).

Logo, o cultivo de seu desempenho profissional se prolonga nos comportamentos e atitudes adotados fora do ambiente de trabalho. Algo nesse sentido também é apontado na narrativa abaixo, em que o interlocutor, ainda que trate de subvertê-las, expõe as expectativas criadas em torno desses agentes:

A gente é ser humano também, então a gente também come besteira, a gente também tem vida social. [Por exemplo], às vezes o profissional de educação física quer fazer uma postagem numa festa, e ele acaba não postando, porque ele acha que aquilo ali vai ser uma coisa negativa para ele. A gente acaba meio que dosando o que a gente vai postar. Se a gente vai comer uma pizza, a gente não pode postar. [...]. Eu não; eu posto, eu faço tudo no meu dia a dia, eu posto tudo que eu faço, até porque não é por conta disso que eu vou deixar de ser um bom profissional (Professor Antônio).

É válido ressaltar que, embora a narrativa do Professor Antônio exponha com um teor volitivo a “quebra de protocolos” relacionados à sua imagem profissional, há também, de sua parte, o reconhecimento dos riscos envolvidos em determinadas experiências vividas além do trabalho. Já para a Professora Diana, o arrefecimento do autocontrole em determinadas situações sociais pode prejudicar sua *performance*, comprometendo, portanto, seu desempenho profissional. Contudo, a conscientização dessas “ameaças” parece ser coextensiva ao desejo de um equilíbrio entre o dever e o prazer, que, ao final, sintetiza-se no entendimento de que não é possível ter controle sobre tudo. Mas, ainda assim, essas narrativas nos fornecem ideias sobre como o tempo do lazer e os modos de interação realizados em espaços para além do cotidiano laboral também precisam ser bem monitorados, de modo a se evitar a produção de uma imagem que descredibilize esse profissional por seus desregramentos. Afinal, é preciso lembrar que a função da analogia do corpo a uma vitrine, trazida recorrentemente pelos próprios entrevistados, não tem sua eficácia medida apenas no ambiente das próprias academias. Assim, o cuidado com os conteúdos veiculados nas redes sociais, por exemplo, também tomam parte do “projeto reflexivo do eu” desses sujeitos. Nas palavras de Giddens (2002, p. 57), “[...] ser um agente competente [...] significa não só manter um controle contínuo, mas ser percebido pelos outros quando o faz”.

Importa frisar que, no caso da EF, parece haver sentidos específicos quanto a essa cobrança, visto que a convivência com os alunos é mais frequente, e com isso há uma proximidade maior entre eles, o que por vezes abre a possibilidade de comentários mais diretos.

A necessidade de um controle rotineiro foi também pontuada nos momentos em que os interlocutores referiram-se ao caráter excessivamente competitivo da sua área de atuação. Também relacionado a esse aspecto, parecia haver uma preocupação com seu desempenho diante de seus pares profissionais, nos espaços da academia,

reforçando, assim, o valor imagético de suas rotinas laborais e da condução de seus processos de autogestão. Vale destacar que a competitividade foi frequentemente mencionada como estímulo à ampliação de sua qualificação profissional, retratada em sua busca por informações acerca das inovações da área, além do investimento em cursos de curta duração pelos quais têm acesso às novidades da área do treinamento, por exemplo. Assim, o “treinar e ensinar a treinar” exige uma “atenção reflexiva contínua” (GIDDENS, 2002, p.98), o comprometimento em acompanhar as atualizações constantes conhecimentos fornecidos pelos sistemas peritos, o que também lhe propicia conteúdo para a “apresentação adequada de si” exigida pelo seu contexto de atuação profissional, para o que conta com outras possibilidades, como as redes sociais, por exemplo:

Eu sempre procuro me atualizar sobre as novidades dos tipos de treinos. [Nas redes sociais] faço mais postagens direcionadas ao meu trabalho de *personal*, auxiliando meu cliente, executando o treino com ele, para outras pessoas estarem vendo o que estou fazendo com meu cliente. A forma correta de executar o treino, principalmente isso! (Professor Dante).

Mas, se nas diversas narrativas constatamos o imperativo do modelo de autogestão que muitos consideram indispensável para o bom desempenho e valorização profissional, outros se referiram à impossibilidade de um controle pleno de suas rotinas. Assim, quando entendem que “exageraram” em situações pontuais, como num final de semana, excedendo-se nas comidas e bebidas, alguns se referiram a estratégias para compensar os desajustes ao longo da semana, instrumentalizando, assim, seu próprio saber como forma de assegurar a performance corporal que lhe é exigida. É preciso então se valer de técnicas e saberes para corrigir os “lapsos de controle corporal” (GIDDENS, 2002, p.58), afinal, a capacidade de revertê-los também se constitui como prerrogativa para sua atuação profissional. Há, por fim, uma objetivação frequente do vivido corporalmente. O “empresário de si” é também o tutor dos seus próprios vícios e virtudes.

É importante destacar, ainda, que não foram raros os depoimentos em relação à escassez de um tempo vivenciado com a família e amigos, em virtude da intensa jornada de trabalho. Diante disso, entendemos que o tempo produtivo institucionalizado termina por afetar, em certa medida, a esfera onde constituem seus laços afetivos e mais íntimos. A separação entre as esferas do trabalho e do pessoal ocupa um importante lugar no “projeto reflexivo do eu” traduzido em suas produções da identidade profissional. A propósito, seu ofício exige não apenas que seus corpos estejam dispostos a atuarem no ambiente de trabalho, como também uma disponibilidade emocional pela qual seja capaz de motivar os alunos. Assim, é necessário igualmente “treinar as emoções para o trabalho” (LISDERO *et al.*, 2017, p.102).

Na tentativa de se perceber como os usos e valores atribuídos ao corpo dentro das configurações produtivas organizam as perspectivas dos entrevistados em relação ao futuro profissional, identificamos que é justamente em função do dispêndio corporal ocasionado por sua rotina laboral que emergem algumas reflexões principais. Ao serem indagados quanto à pretensão de seguirem atuando na área, a maior parte dos participantes sinalizou a intenção de mudança e, sobretudo, de

reelaboração da rotina, enfatizando que as exigências que o trabalho impõe ao seu corpo não poderão ser cumpridas por um longo período.

Com quarenta anos eu quero trabalhar seis horas por dia e ganhar pelo menos o dobro do que eu ganho hoje. É o planejamento da minha vida. Não dá pra você ter uma velhice boa se você continuar nessa pegada que eu estou hoje por mais quinze anos. Não dá, não aguento; o corpo não aguenta você trabalhar quinze horas por dia, não aguenta. Lá na frente, [o ideal seria] você trabalhar numa área que você também gosta, trabalhar menos e, se possível, ganhar mais (Professor Marcos).

Eu acho que o ritmo de trabalho da gente é muito puxado, tanto que eu digo que tenho que aproveitar para dar o gás agora que eu sou nova, porque depois eu não vou aguentar esse desgaste que eu tenho hoje (Professora Samanta).

Logo, não há exatamente uma crítica às condições de trabalho e à sobrecarga física que a rotina laboral lhes demanda. Ao contrário, a instrumentalização do corpo e a exploração de suas capacidades soa aqui como uma possibilidade que necessita ser desenvolvida ao máximo, na tentativa de ajustá-los aos arranjos produtivos do presente, revelando uma relação paradoxal entre as energias corporais e o seu esgotamento. Por essa mesma lógica, os limites corporais são aqui levados em conta apenas em se tratando de uma fase ainda vindoura, ao passo que o tempo atual é justamente o do esforço em superá-los como garantia de um bom planejamento do futuro. Tais experiências refletem bem a identificação da “sociedade de desempenho” como uma “[...] sociedade de autoexploração”, tal como estabelecida por Han (2017), em que o sujeito, flexível aos imperativos dos processos de produção, “concorre consigo mesmo”, destinado a “superar constantemente a si próprio” (HAN, 2017, p.99).

Tais narrativas também evidenciam os modos como a própria preparação para o futuro é também perpassada pelos sentidos designados pelo tempo produtivo, que define as experiências de vida possibilitadas a essas pessoas em cada etapa de sua existência. Sob tal lógica, “os ‘futuros’ são reflexivamente organizados no presente em termos do fluxo crônico do conhecimento nos ambientes sobre os quais tal conhecimento foi desenvolvido” (GIDDENS, 2002, p.33).

Outros depoimentos trazem, de forma muito nítida, as nuances do “sonho liberal”, traduzido nos seus planos de administrar o próprio negócio, montar o próprio espaço, gerenciar o trabalho de outras pessoas. A esse respeito, muitos mencionaram a intenção de um trabalho futuro focado em treinamentos personalizados, por exemplo. Estratégias como essas também foram mencionadas no trabalho de Ludorf e Ortega (2013), que informam sobre a dificuldade de se encontrar professores com mais de 20 anos de academia. Os autores associam essa dificuldade à intensa cobrança estética e física que lhes é imposta no ambiente das academias, local de uma supervalorização da juventude, onde a velhice termina por destoar das aptidões e habilidades corporais ali enaltecidas.

Embora o empreendedorismo tenha tido lugar central no planejamento de uma vida futura, outras perspectivas também se fizeram presentes, como o investimento na carreira acadêmica.

A minha ideia é seguir a carreira acadêmica, justamente por achar que eu não vou conseguir fazer o que eu faço hoje quando eu estiver mais

velho, ficar o dia inteiro dando treino, carregar peso, põe lá na máquina, tira peso para o aluno... aí faz, sei lá, cento e cinquenta agachamentos no dia, mostrando de um por um, para cada pessoa...é puxado! Quando eu tiver mais velho eu não vou ter mais essa disposição (Professor Tarcísio).

Nesse sentido, mais uma vez, a intensa demanda física toma parte nesse “planejamento de vida reflexivamente organizado” (GIDDENS, 2002, p. 11). A passagem do tempo é novamente refletida a partir da sua associação à perda inevitável das condições com as quais o interlocutor pode contar, no momento, para a construção de sua biografia profissional. A dedicação à carreira acadêmica foi um desejo evidenciado por outros interlocutores que, no entanto, a veem como uma atividade inconciliável com seu atual ritmo de vida. Temos novamente, então, a figuração de uma cultura do empreendedorismo de si que, paradoxalmente, expropria os sujeitos de determinadas vivências e desejos. Nesse caso, a atividade intelectual se coloca numa extremidade oposta ao desempenho de sua atividade profissional. Importante notar, ainda, que depoimentos como esse também evidenciam a tendência da lógica capitalista a “apropriar-se da dimensão cognitiva do trabalho” e “apoderar-se de sua dimensão intelectual” (ANTUNES, 2005, p. 18), o que se faz em conformidade com a valorização do desempenho e da produtividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de nossas análises, entendemos que a estruturação das vivências cotidianas de nossos interlocutores necessita ser pensada a partir da proposta de Lisdero *et al.* (2017) de uma compreensão política das sensibilidades. Segundo os autores, ocupar-se das sensibilidades exige o entendimento de que os agentes sociais conhecem o mundo através de seus corpos. Requer, além disso, reconhecermos que nossas percepções, sensações e emoções são também afetadas por fenômenos, processos e pelos outros agentes. Sendo assim (e nos valendo, em alguma medida, da leitura de Marcel Mauss), sugerimos que há um teor político que necessita ser lido nos usos que fazemos de nossos corpos. Consequentemente, isso traz implicações à EF. Importa saber de que modo suas bases teóricas, epistemológicas, assim como sua práxis pedagógica, estão implicadas nas políticas das sensibilidades dos nossos dias. Essa é uma questão fundamental para entendermos os sentidos e dimensionamentos que os participantes de nossos estudos dão às suas experiências laborais que, como vimos, atinge diretamente suas expressões corporais e subjetivas.

Situar a rotina laboral dos professores atuantes em academias de musculação a partir das “configurações políticas do sentir e do perceber” nos fala diretamente dos modos de viver determinados pelo contexto neoliberal. Em grande medida, as experiências dos nossos interlocutores nos falam da captura de nossas percepções acerca do mundo que tem sido realizada pelos modos dominantes de organização da vida. O modelo de empresariamento de si, ao reverenciar a competência do indivíduo autodeterminante, colabora com o projeto de contenção das nossas sensibilidades, à medida que nos impele ao isolamento, ao invés das trocas possibilitadas pelas interações com outros agentes e ambientes. Como nos lembra Han (2009, p. 71), “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário,

que atua individualizando e isolando”. Esse panorama retrata também a solidão do empreendedor autocentrado, atomista, num mundo pautado pela competitividade. E, uma vez segregador, o ritmo da vida a que esse modelo nos impele termina por violentar experiências humanas que se constituem como temas basilares da educação física: interações, formas de sociabilidades vivências lúdicas, do lazer, manifestações de nossa existência que têm sido cooptadas por políticas de (in) sensibilidades que, ao reduzirem nosso corpo e subjetividade à lógica da eficácia, o fazem violentando nossa fruição do estar-no-mundo.

A aniquilação de um senso de pertencimento é indispensável ao funcionamento da lógica de autoexploração de que nos fala Han (2007) ao categorizar as formas neoliberais de organização da produção. Desarticulados, desvinculados de projetos coletivos, sem direitos trabalhistas, num cenário de condições instáveis, somos levados a tomar para nós a tarefa de ordenar nosso próprio destino, ajustando o tempo de nossos corpos e de nossas experiências a uma cronometragem que define o nosso prazo de validade.

Em carta aberta lançada em dezembro de 2019², o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) posicionou-se criticamente ao Programa Brasil em Movimento, apresentado pelo Ministério da Saúde, que propõe a utilização de um aplicativo para *smartphones* para “mediar o trabalho de profissionais/professores de educação física (PEFs) e o interesse da população, por meio de algoritmos que definirão valor, avaliação e disponibilidade”. Dentre os problemas indicados no texto produzido pela entidade científica, destacamos a referência ao modelo de “uberização da vida” a que a proposta estaria vinculada, sobretudo ao privilegiar o uso das tecnologias alinhado ao “discurso de empreendedorismo na atenção à saúde”, questões que dialogam diretamente com aspectos de que tratamos ao longo de nosso trabalho. Em relação ao conteúdo da nota, nos apegaremos a dois efeitos negativos apontados: a redução do usuário do aplicativo a um “perfil consumidor individual de atividade física” e “o trabalho do PEF a procedimentos sem acompanhamento, sem vínculo terapêutico”. Isso porque nos falamos de um esvaziamento de sentido dos vínculos alteritários em que se apoia o “empresariamento-de-si” neoliberal. Desse modo, faz-se necessário tomar as condições de trabalho desses profissionais como instância reflexiva para a produção do conhecimento acerca das relações sociais (LISDERO *et al.* 2017). Afinal, suas experiências laborais são emblemáticas dos sentidos e usos atribuídos ao corpo num contexto social mais amplo, conforme vimos sugerindo.

Obviamente, as questões que aqui trazemos adquiririam contornos mais específicos se pensadas a partir de recortes de gênero, de classe, de raça, de etnia, dentre outros. No entanto, para este momento em que não pudemos trazer nossas questões pautadas por essas interseccionalidades, encerramos nossas **considerações reafirmando a necessidade de reflexões** aprofundadas acerca das relações entre os modos sociais de organização do trabalho e a capacidade dos corpos-sujeitos de afetar e serem afetado, como Pelbart (2007, p.2) nos inspira a pensar; “retomá-lo na sua afectabilidade”, enfim. Pois, embora nosso horizonte de possibilidades atuais condene o corpo à sua instrumentalização em nome da

2 Disponível em <http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1405>. Acesso em: 05 maio 2020.

autoafirmação do sujeito de desempenho, ele segue produzindo sentidos para além daqueles imputados pelas políticas de sensibilidade de que tratamos aqui.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Luís Coltro. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

BOSSLE, Cibele Biehl. O personal trainer e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional. **Movimento**, v. 14, n. 1, p. 187-198, jan./abr. 2008.

ESPÍRITO-SANTO, Giannina do; MOURÃO, Ludmila. A auto-representação da saúde dos professores de educação física de academias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 3, p. 39-55, maio 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUIMARÃES FILHO, José Carlos de M.; MOURA, Diego L.; ANTUNES, Marcelo .M. Quando a beleza põe mesa: uma análise das condições de trabalho do profissional de educação física em mega-academias. **Motrivivência**, v.23, n. 36, p. 197-213, jun. 2011.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papyrus, 2007.

LISDERO, Pedro *et al.* Entrenando Emociones: reflexiones metodológicas en torno a las nuevas formas de entrenamientos y el trabajo. *In*: GANDÍA, Claudia *et al.*; **Metodologías de la investigación**: estrategias de indagación I. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2017. p. 87-105.

LUDORF, Sílvia Maria Agatti; ORTEGA, Francisco Javier Guerrero. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. **Interface**, v. 17, n. 46, p. 661-675, set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832013000300013&script=sci_arttext. Acesso em: 3 fev.2020

NAVARRO, Vera Lucia. Trabalho, saúde e tempo livre nos domínios do capital. *In*: PADILHA, Valquiria (org.) **Dialética do Lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 50-74.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**, n. 7, p. 57-65, 2007

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos - CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>

Abstract: The study focused on bodily and subjectivity references provided by capitalism in its current forms, as well as on the supposed echoes of these models on the routine of Physical Education teachers working at bodybuilding gyms. It aimed to understand the ways in which participants connect their work to the other experiences in their daily lives. Qualitative research methodology was used, and the empirical material was obtained through 16 semi-structured interviews. The materials analyzed show constant mobilization of the teachers' bodily dimension. In general, their routine requires intense physical disposition, in addition to rationalization of themselves and their bodies that allows them to highlight the aesthetic and performance attributes by which their professional competence is attested.

Keywords: Faculty. Physical Education. Fitness Center. Physical appearance.

Resumen: Centrado en las referencias de cuerpo y subjetividad proporcionadas por el capitalismo en sus formas actuales, así como en las supuestas resonancias de estos modelos en la rutina de los profesores de Educación Física que trabajan en gimnasios, el estudio tuvo como objetivo comprender las formas en que los participantes articulan sus atribuciones profesionales con las demás experiencias de su vida cotidiana. Se utilizó una metodología de investigación cualitativa en la que el material empírico se obtuvo a través de 16 entrevistas semiestructuradas. Los materiales analizados muestran una movilización constante de la dimensión corporal de los profesores. En general, su rutina les exige una intensa disposición física, además de una racionalización de sí mismos y del cuerpo que les permita resaltar los atributos estéticos y de rendimiento mediante los cuales se acredita su competencia profesional.

Palabras clave: Docentes. Educación Física. Centros de acondicionamiento. Apariencia física.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons atribuição Não Comercial 4.0 (CC BY-NC 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado, com a restrição que impede o uso para fins comerciais. Mais informações em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não há conflito de interesses neste trabalho.

DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO EM COMITÊ DE PESQUISA

Não se aplica

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Siony Rocha de Sousa: coleta de dados e redação do texto.

Christiane Garcia Macedo: redação.

Roberta de Sousa Mélo: redação e orientação.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado sem qualquer apoio financeiro.

COMO REFERENCIAR

SOUSA, Siony Rocha de; MACEDO, Christiane Garcia; MÉLO, Roberta de Sousa. Competências ostensivas: o cotidiano de professores de educação física atuantes em academias de musculação. **Movimento**, v. 26, p. e26057, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100297> Acesso em: 12 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100297>

RESPONSÁVEIS EDITORIAIS

Alex Branco Fraga*, Elisandro Schultz Wittizorecki*, Ivone Job*, Mauro Myskiw*, Raquel da Silveira*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil